

Teses sobre Feuerbach

Karl Marx

1845

Foram escritas por Marx na primavera de 1845 e publicadas pela primeira vez por Engels, em 1888, como apêndice à edição em livro da sua obra *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Alemã Clássica*, Estugarda 1888. Publicadas segundo a versão de Engels de 1888, em cotejo com a redação original de Marx.

Transcrição a partir das Obras Escolhidas de Karl Marx e Friedrich Engels, Editora Alfa-Omega, Vol.3.

1

O defeito fundamental de todo o materialismo anterior - inclusive o de Feuerbach – está em que só concebe o objeto, a realidade, o ato sensorial, sob a forma de *objeto* ou de contemplação, mas não como *atividade sensível humana, como prática*, não de modo subjetivo. Daí decorre que o lado *ativo* foi desenvolvido pelo idealismo, em oposição ao materialismo, mas apenas de modo abstrato, já que o idealismo, naturalmente, não conhece a atividade real, sensível, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis realmente diferente dos objetos do pensamento; mas tão pouco concebe a atividade humana como atividade uma objetiva. Por isso, em *A Essência do Cristianismo*, só considerava como autenticamente humana a atividade teórica, enquanto a prática somente é concebida e fixada em sua manifestação judia grosseira. Portanto, não compreende a importância da atuação "revolucionária", prática-crítica.

2

O problema de se ao pensamento humano corresponde uma verdade objetiva não é um problema da teoria, e sim um problema *prático*. É na prática que homem tem que demonstrar a verdade, isto é, a realidade e a força, o caráter terreno do seu pensamento. O debate sobre a realidade ou a irrealidade de um pensamento isolado da prática é um problema puramente *escolástico*.

3

A teoria materialista de que os homens são produtos das circunstâncias e da educação e de que, portanto, homens modificados são produtos de circunstâncias diferentes e de educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado. Leva, pois, forçosamente, à divisão da sociedade em duas partes, uma das quais se sobrepõe à sociedade (como, por exemplo, em Robert Owen).

A coincidência da modificação das circunstâncias e da atividade humana só pode ser apreendida e racionalmente compreendida como *prática transformadora*.

4

Feuerbach parte do fato da auto-alienação religiosa, do desdobramento do mundo em um mundo religioso, imaginário, e outro real. Sua tarefa consiste em decompor o mundo

religioso em sua base terrena. Não vê que, uma vez realizado esse trabalho, o principal continua por fazer. Na realidade, o fato de que a base terrena se separe de si mesma e fixe nas nuvens um reino independente, só pode ser explicado através da dilaceração interna e da contradição desse fundamento terreno consigo mesmo. Este último deve, portanto, primeiro ser compreendido em sua contradição e em seguida revolucionado praticamente mediante a eliminação da contradição. Por conseguinte, depois de descobrir, por exemplo, na família terrena o segredo da sagrada família, é preciso criticar teoricamente aquela e transformá-la praticamente.

5

Não satisfeito com o *pensamento abstrato*, Feuerbach recorre à *percepção sensível*. Não conhece, porém, a sensibilidade como uma atividade prática, humano-sensível.

6

Feuerbach dilui a essência religiosa na essência *humana*. Mas, a essência humana não é algo abstrato, interior a cada indivíduo isolado. É, em sua realidade, o conjunto das relações sociais.

Feuerbach, que não empreende a crítica dessa essência real, vê-se, portanto, obrigado:

- 1 - a fazer caso omissa da trajetória histórica, fixar o sentimento religioso em si e pressupor um indivíduo humano abstrato, isolado;
- 2 - nele, a essência humana só pode ser concebida como "espécie", como generalidade interna, muda, que se limita a unir *naturalmente* os muitos indivíduos.

7

Feuerbach não vê, portanto, que "sentimento religioso" é, também, um *produto social* e que o indivíduo abstrato que ele analisa pertence, na realidade, a uma determinada forma de sociedade.

8

A vida social é essencialmente *prática*. Todos os mistérios que desviam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão desta prática.

9

O máximo a que chega o materialismo contemplativo, isto é, o materialismo que não concebe o mundo sensível como uma atividade prática, é a percepção dos diferentes indivíduos isolados da "sociedade civil".

10

O ponto de vista do antigo materialismo é a sociedade "*civil*"; o ponto de vista do novo materialismo, a sociedade *humana*, ou a humanidade socializada.

11

Os filósofos não fizeram mais do que *interpretar* o mundo de diferentes maneiras; a questão, porém, é *transformá-lo*.